

Geral

Editora: Paula Sória Quedi
geral@jornaldocomercio.com.br



‘Não há como superar a perda de um filho’, afirma Diza Gonzaga

Fundação Thiago Gonzaga tenta ajudar pessoas cujos familiares morreram no trânsito

Claudio Isaias
claudio.isaias@jornaldocomercio.com.br

No dia 13 de maio de 1996, o casal Régis e Diza Gonzaga criou a Fundação Thiago de Moraes Gonzaga. A data foi escolhida por ser o dia do aniversário do filho deles, Thiago. O jovem havia completado 18 anos uma semana antes da madrugada fria de 20 de maio de 1995. O veículo em que ele havia pegado carona chocou-se contra um contêiner colocado em uma rua de Porto Alegre. Thiago não resistiu ao impacto da colisão.

Na sede da Vida Urgente, como é conhecida a fundação, localizada no bairro Menino Deus, funciona um espaço em que pais e familiares de jovens que perderam a vida em acidentes de trânsito se reúnem orientados por psicólogos voluntários. “A proposta é aprender, através da troca de experiências, a conviver com a perda”, explica Diza, que preside a entidade. Na fundação, são atendidas mais de 400 famílias em reuniões semanais, abertas e gratuitas. “Não há como superar a perda de um filho. A gente aprende a conviver com ela todos os dias. Não existe a palavra superação”, observa.

De acordo com Diza, durante as reuniões do grupo de apoio, uma mulher convidou os demais integrantes a participarem de uma homenagem ao seu filho – o jovem havia falecido há um ano em um acidente. A mãe sugeriu a colocação de uma cruz na avenida Goethe, o que não agradou à presidente da fundação, que defendeu a colocação de uma borboleta. Hoje, as

borboletas brancas estão espalhadas por todo o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e até Espírito Santo. “É uma maneira de chamar a atenção das pessoas que têm a mania de achar que os acidentes ocorrem só em uma estrada esburacada ou numa curva”, acrescenta. “A borboleta é uma lembrança de uma guerra que não deixa heróis e não condecora”, acrescenta.

Para Diza, 90% do trabalho da fundação é baseado em ações de prevenção no trânsito “para não vitimar mais Thiagos”. “Na verdade, quando perdi o Thiago pensei em ficar com o grito engasgado. Mas quis entender por que o meu filho lindo foi em uma festa e não voltou para casa”, lamenta. “Eles morrem na madrugada e na volta das festas. Tem dia, hora, idade, tudo sobre os acidentes e ninguém falava sobre isso. Estava lá guardado em uma publicação do governo federal.”

A presidente da Fundação Thiago Gonzaga enfatiza a importância de o brasileiro mudar seu comportamento no trânsito. “As pessoas não estão morrendo por desconhecer a sinalização. Estão morrendo em função de uma cultura que diz que para ser feliz tem que correr. Trânsito é mais do que um problema de Secretaria de Transporte ou de polícia, é uma questão de educação”, destaca.

A conscientização, porém, não deve ser feita somente com campanhas pontuais em vésperas de feriados. “A educação no trânsito é um processo permanente. O nosso trabalho é o ano todo. Nas férias, a gente vai para a praia fazer o Salva-Vidas Urgente. Não dá para

acreditar em campanha pontual na Semana do Trânsito ou na véspera de um feriadão”, critica.

Um dos projetos é o Madrugada Viva, em que grupos de jovens voluntários percorrem os principais locais noturnos da Capital e do Interior, conscientizando os frequentadores sobre os perigos da mistura entre álcool e direção. “Os voluntários também realizam o teste do bafômetro. Quem bebeu recebe uma borboleta vermelha e é incentivado a deixar o carro e pegar uma carona segura ou voltar de táxi”, acrescenta.

A instituição realiza ainda a blitz Moto Vida, que tem o objetivo de humanizar a relação dos motociclistas com o trânsito. “Os voluntários alertam para a fragilidade dos condutores de moto e incentivam o uso dos equipamentos de segurança.” Outra iniciativa é o projeto Buzoom, um ônibus que garante o retorno dos jovens das festas em segurança. Nas rodovias, a ONG realiza ações direcionadas a caminhoneiros e carreteiros em postos de combustíveis, aduanas e praças de pedágio. A proposta é humanizar as relações entre condutores de veículos de carga e de passeio.

“Comecei há 15 anos a falar ‘se beber não dirija ou pegue carona com alguém de cara limpa’. Lei Seca não existia. A Vida Urgente nasceu da minha indignação. Ninguém tinha me falado que os acidentes de trânsito eram a primeira causa de morte de jovens de 14 a 26 anos no País. Não somos somente campeões em futebol. Somos campeões em mortes no trânsito”, finaliza.



Presidente da entidade critica o comportamento dos motoristas

Marcas que ficam para sempre

Muitas vezes o trânsito subverte as probabilidades. Uma vez que a prudência não fala mais alto, o acidente pode acontecer. Esse foi o caso da filósofa Diana Perin Chesini, atropelada por uma motocicleta ao atravessar a rua em frente à sua casa. Segundo ela, sempre atravessava na faixa de segurança e essa vez foi uma exceção. “O sinal estava fechado, os carros todos parados, e eu acredito que em um desses corredores veio uma moto em alta velocidade, que eu não vi, pois o impacto foi muito forte. Quando acordei já estava no chão”, conta.

Diana admite que errou, que estava desatenta. Entretanto, o motorista também estava acima do limite adequado. O grande pro-

blema foi que o ambiente, a rua, parecia seguro, quando na verdade não estava. A travessia, que parecia ser tranquila, lhe rendeu uma rachadura no crânio, perto da orelha, levando a uma surdez temporária, queimaduras na perna e também à perda do olfato. “Já faz três meses e até hoje não sinto cheiro de nada. Os médicos disseram que não têm certeza se vai voltar, pois se romperam os nervos olfativos”, revela.

Em relação ao trânsito, Diana explica que sempre teve muito respeito por ele, mas agora a atenção é redobrada. “A minha visão de trânsito é a pior possível, as pessoas ficam se digladiando para chegar a algum lugar, é um desespero”, critica.

O valor da vida

Deiverson Ávila*

Aos 17 anos – como dizem os antigos, “na flor da idade” –, pude renascer após um grave acidente automobilístico. Por volta das 13h de uma tranquila segunda-feira no inverno de 1996, o carro que me transportava de Rio Grande, minha cidade natal, até Porto Alegre, onde hoje moro, capotou na BR-116, próximo ao município de Camaquã. Conseqüências de uma ultrapassagem mal executada e de uma imprudência sem tamanho do condutor do veículo duas vértebras da região cervical queimadas, três costelas fraturadas e o ombro deslocado.

Após ser removido em uma ambulância sem as mínimas condições de socorro,

fui transferido para a Santa Casa de Rio Grande. Ao chegar lá, fui submetido a novos exames. Só então foi constatada a fratura na região do pescoço. Sem titubear, o médico plantonista dirigiu à minha família e a alguns amigos que aguardavam o resultado dos exames as seguintes palavras: “Ele não poderá estar mexendo os pés. A fratura na segunda e na terceira vértebra deveria ter provocado uma tetraplegia”.

Passaram 17 anos, filho único e um inconsequente jovem tetraplégico, que permitiu o amigo acelerar um veículo até as piores conseqüências, submetendo seus pais a uma vida dependente para sempre. Quis Deus, uma força superior

ou o destino, que milagrosamente a minha medula não tivesse rompida. A medula é semelhante a uma fina cartilagem como as que formam a espinha dos peixes. Com o perdão do trocadilho, literalmente, salvo por um fio.

Após 135 dias, utilizei um halo-colete – aparelho que imobiliza a região cervical – até a reconstrução total da vértebra. Foram mais de quatro meses sem tomar um banho de chuveiro, sem sair para a noite com os amigos e limitando meus pais a dezenas de compromissos sociais. Sei que tudo isso não significa nada comparado ao valor que nós e as pessoas que nos cercam devemos dar a nossas vidas. Então, pergunto: qual o va-

lor que damos a nossa vida?

Passados 15 anos do fatídico dia 24 de junho de 1996, digo a todos que quando vejo uma ultrapassagem forçada, um carro em alta velocidade ou, simplesmente, um condutor que não aciona a seta para virar à esquerda ou à direita, isso me indigna. Mas, antes de nos indignarmos ou xingarmos ou esbravejarmos, é preciso parar um pouco para refletir: o que eu devo fazer para melhorar meu comportamento no trânsito e quanto vale não só a minha vida, mas a de todos que declaram uma batulha diária nesta selva apestada de rua ou estrada?

*Jornalista da Editoria de Geral